

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 14 | Nº 41 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.7931585>



QUEM COMEÇAVA ERA ELA! PERCEPÇÕES SOBRE VIOLÊNCIA DE GÊNERO DE HOMENS E FACILITADORES DE UM GRUPO REFLEXIVO NA SERRA CATARINENSE

Wander Galvão Lopes Fernandes¹

Mareli Eliane Graupe²

Dalvan de Campos³

Resumo

A violência de gênero contra as mulheres é um problema social grave e uma violação dos direitos humanos. Apesar dos avanços da legislação para prevenção das violências de gênero, bem como a punição dos autores de violências, percebe-se que há um grande desafio a ser enfrentado. Pesquisas apontam que trabalhar de forma restaurativa e preventiva com os homens é um caminho para a diminuição dos índices de violências. Sendo uma das principais estratégias para este trabalho os Grupos Reflexivos de Gênero (GRG). O objetivo deste trabalho foi compreender as narrativas dos participantes e facilitadores de um grupo reflexivo sobre as violências de gênero contra as mulheres na cidade de Lages, Santa Catarina. Foi realizada uma pesquisa qualitativa em que foram entrevistadas seis pessoas, dois homens autores de violência e quatro facilitadores (2 homens e 2 mulheres). Os dados coletados foram transcritos e analisados de acordo com a perspectiva da análise das narrativas. Os resultados apontam para caminhos promissores no uso dos GRG, embora os homens continuem com discursos de culpabilização e estigmatização das mulheres, bem como dificuldade de mudança do comportamento violento o acesso a esses espaços fez com que refletissem sobre suas ações e conseguissem dialogar sobre seus preconceitos e construções de masculinidades. Assim, possibilitando mudanças na forma de pensar e agir. Para os facilitadores é notório a relevância do grupo reflexivo de gênero como um espaço seguro de fala, de reflexão e de enfrentamento das violências.

Palavras Chave: Gênero; Homens; Santa Catarina; Violência de Gênero.

Abstract

Gender violence against women is a serious social problem and a violation of human rights. Despite advances in legislation for the prevention of gender violence, as well as the punishment of perpetrators of violence, there is still a significant challenge to be addressed. Research indicates that working restoratively and preventively with men is a path to reducing violence rates. One of the main strategies for this work is Gender Reflective Groups (GRG). The aim of this study was to understand the narratives of participants and facilitators of a reflective group on gender violence against women in the city of Lages, Santa Catarina. A qualitative study was conducted in which six people were interviewed, two male perpetrators of violence and four facilitators (2 men and 2 women). The collected data was transcribed and analyzed from the perspective of narrative analysis. The results point to promising paths in the use of GRGs, although men continue to have discourses of blaming and stigmatizing women, as well as difficulty changing violent behavior. Access to these spaces allowed them to reflect on their actions and discuss their prejudices and constructions of masculinity, enabling changes in thinking and behavior. For the facilitators, the relevance of the gender reflective group as a safe space for speech, reflection, and addressing violence is notable.

Keywords: Gender; Gender Violence; Men; Santa Catarina.

¹ Professor da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). Mestre em Ambiente e Saúde pela Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). E-mail: wander@uniplaclages.edu.br

² Professor da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). Doutora em Educação e Cultura pela Universidade de Osnabrueck. E-mail: prof.mareli@uniplaclages.edu.br

³ Professor da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC). Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: dalvandecampos@uniplaclages.edu.br



INTRODUÇÃO

A violência de gênero contra as mulheres é um problema social grave e uma violação dos direitos humanos (BRAMBILLA, 2020). De acordo com Saffioti (2001), essa forma de violência é compreendida como qualquer agressão – seja ela física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral – perpetrada contra alguém em situação de vulnerabilidade devido a sua identidade de gênero ou orientação sexual, recaindo principalmente sobre as mulheres. Sendo assim, os homens figuram enquanto os maiores perpetradores das violências de gênero, que tem como base o patriarcado (VASCONCELOS, 2022; OLIVEIRA NETO; FIRMINO; PAULINO, 2020).

De acordo com Azevedo (2016), entende-se o patriarcado como “um sistema com estruturas” histórico e político em que os homens mantêm o poder e predomínio nas funções de liderança política, autoridade, privilégios, bem como o controle sobre as propriedades. Esse sistema vai se consolidando e modificando ao longo do tempo, sendo atravessado por intersecções de raça e etnia, classe social, orientação sexual, entre outros, relacionando-se com as dimensões da vida, bem como trabalho remunerado, o trabalho não remunerado, o Estado e as instituições culturais.

As violências de gênero, desencadeadas pelas construções sociais naturalizadas sobre o papel de homens e mulheres na sociedade, trazem prejuízos para a socialização e saúde das mulheres. As violências de gênero no Brasil são, em grande parte, perpetradas pelos homens no ambiente intrafamiliar (TONELI; BEIRAS; RIED, 2017).

Apesar dos avanços da legislação para prevenção das violências de gênero, bem como a punição dos autores de violências, percebe-se que há um grande desafio a ser enfrentado. Deste modo, há a necessidade de abordar os homens autores de violência de gênero de forma “não punitiva”, buscando compreender a violência como um processo relacional de gênero, compreendendo-os como produto da construção social e histórica, passíveis de transformação (BEIRAS; NASCIMENTO; INCROCCI, 2019).

Pesquisas apontam que trabalhar de forma restaurativa e preventiva com os homens é um caminho para a diminuição dos índices de violências. Sendo uma das principais estratégias para este trabalho os Grupos Reflexivos de Gênero (GRG), em diferentes formatos e metodologias que vêm sendo colocadas em prática e avaliadas (CARDOSO, 2022; OLIVEIRA NETO; FIRMINO; PAULINO, 2020).

Apesar de existirem estudos que tratam sobre os GRG, seu funcionamento e eficiência, são escassos os estudos que se propõem a analisar as percepções dos homens autores de violência que participam de GRG, bem como de facilitadores dessas atividades, sobre as violências de gênero. No



contexto da Serra Catarinense, esses estudos são inexistentes, principalmente pelo curto tempo de funcionamento dos grupos na região (SOUZA; SANTO; GRAUPE, 2021).

A região serrana e o município de Lages são atravessados pela cultura da fazenda e do polo madeireiro, com a percepção do homem como a figura de chefe de família e que detém a última palavra e recursos financeiros, comandando a mulher e os filhos. Assim, as situações de violências de gênero contra as mulheres são identificadas como um tema relevante nos estudos desenvolvidos na região, bem como pelos serviços públicos voltados para prevenção e cuidados das mulheres em situações de violência (LOCKS, 2016).

Mediante a isso, o objetivo deste trabalho foi compreender as narrativas dos participantes e facilitadores de um grupo reflexivo sobre as violências de gênero contra as mulheres na cidade de Lages, Santa Catarina.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa. Conforme Minayo e Sanches (1993), a escolha pela abordagem qualitativa na investigação científica, deve ser orientada pelo objeto que se estuda e não de forma arbitrária pelo pesquisador. Deste modo, justifica-se o emprego desta abordagem de pesquisa mediante a temática, contexto que ela se coloca e intenção de compreender os significados das narrativas sobre violência de gênero.

Para desenvolvimento da pesquisa, foi realizado um estudo de campo entre os meses de abril/2022 e maio/2022 com participantes e facilitadores do grupo reflexivo de gênero para homens autores de violência na cidade de Lages/SC.

Os participantes do estudo foram os homens autores de violência (n=2) que participaram do grupo reflexivo, devido ao encaminhamento pelo poder judiciário. Além dos homens, foram também interlocutoras/res deste estudo facilitadores (n=4) que atuaram na realização e condução do grupo reflexivo. Todas/os as/os participantes foram informadas/os sobre os objetivos da pesquisa e convidadas/os a participar a partir do aceite e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O presente trabalho seguiu as orientações da Resolução n.º 466/12, a qual regulamenta as pesquisas com seres humanos e de acordo com as resoluções estipuladas pelo Conselho Nacional de Saúde, e também a Resolução n.º 510/16 que aborda as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, com Parecer n.º 5.292.255 do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).



Os dados foram coletados por meio de entrevista individual semiestruturada realizada com os homens autores de violência de gênero contra as mulheres e com os facilitadores do grupo reflexivo. As entrevistas foram realizadas em local seguro e adequado para privacidade das/os participantes. A entrevista individual é um instrumento cuja base de coleta de dados é a interação entre as pessoas, ou seja, o entrevistador e a pessoa participante da pesquisa, acessando informações sobre questões delicadas (FLICK, 2009).

Todas as entrevistas foram realizadas por um entrevistador. Para registro das informações, as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Foi empregada a análise de narrativas para tratamento dos dados. De acordo com Zaccarelli e Godoy (2013), a análise narrativa tem como base o estudo do “particular”, onde o analista perpassa pelo interesse de como um “falante ou escritor” elucidam, desde a linguagem, imagens no aspecto da construção de significados do social.

Para construção dos resultados e discussão, foram realizados os seguintes procedimentos: imersão das/os pesquisadoras/es nos dados transcritos, por meio de leitura exaustiva para a compreensão das narrativas; construção de categorias de análise acerca dos significados das narrativas sobre violência para os homens autores de violência e facilitadores do grupo reflexivo de gênero; descrição dos resultados, com a apresentação de trechos das falas dos interlocutores; e debate dos achados da pesquisa com a literatura científica acerca da temática de violências, gênero e grupos reflexivos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise das narrativas dos homens participantes do GRG, foram identificadas quatro categorias relacionadas às experiências pré-grupo (culpabilização das mulheres e reprodução de violências sofridas; e percepções sobre o papel das mulheres e dos homens) e pós-grupo (percepção da violência, sentimento de acolhimento e empatia; e impactos na vida dos homens e na relação com a violência de gênero).

Na análise das narrativas dos facilitadores foi possível identificar duas categorias, a saber: importância dos GRG no contexto da Serra Catarinense, bem como desafios e potencialidade na abordagem das temáticas com os homens autores de violência.

Culpabilização das mulheres e reprodução de violências sofridas

Por estarem imersos em contextos familiares violentos, com histórias de agressões sofridas e testemunhadas, nas narrativas de um dos interlocutores foi possível perceber que a culpa das suas ações



de violências a comportamentos era justificada por atitudes da mulher. Ou seja, não conseguia perceber-se enquanto autor de violência, ou ainda, entendia que suas atitudes eram para solução de conflitos, muitas vezes atribuindo o adjetivo de “tranquilos” nas relações:

Mais eram ciúmes. Na realidade quem começava mais era ela. Eu sou tranquilo, ela era muito ciumenta. Ela tentava me deixar para baixo, eu não dava muita bola, as vezes ela ficava brigando e eu dando risadas, isso que de repente ela ficava mais braba. Às vezes, acontecia da gente ficar se tapeando (Interlocutor 1).

Na realidade me tratava bem, eu sou calmo, só quando me tiram do sério, daí eu fico meio fora da casinha. Às vezes sou meio chato, meio palhaço, fazendo piada, tem gente que não está acostumado, daí são muito sérios (Interlocutor 1).

A percepção sobre os atos violentos está imbricada com a cultura do patriarcado, pois muitos homens, não conseguem se perceber enquanto alguém que comete atos violentos. Sendo que antes dos GRG acreditavam que seus comportamentos violentos eram “normal”, comportamentos esperados para os homens (VICENTE; SIQUEIRA-FREITAS, 2022; BEIRAS; NASCIMENTO; INCROCCI, 2019).

Nesse sentido, dados sobre os homens autores de violência corroboram com os achados deste estudo, sendo que a principal dificuldade é fazer com que os homens se percebem enquanto autores, bem como partícipes de um processo de violência de gênero (WOOD; WILSON; JACOBS, 2021).

Por outro lado, o uso de substâncias psicoativas é trazido como um meio facilitador dos atos de violência, mas não como uma causa. Eles relacionam essas situações com as violências de gênero que cometem, mas também apresentam relação com as violências sofridas ao longo da vida. Sendo assim, julgam ser difícil mudar de uma hora para outra suas atitudes, apesar de reconhecerem como algo necessário.

Até poucos anos atrás a gente discutia muito, eu fui usuário de drogas durante muitos anos, 17 anos eu fui usuário de drogas, eu maltratei ela, eu batia nela, eu fui um homem imperfeito para ela naqueles anos... eu era um caco, era um homem sem caráter e sem respeito com as outras pessoas, com as outras mulheres... Eu achei que parando de usar drogas eu tinha mudado. Eu só parei de usar, mas o defeito de caráter tinha que ser moldado (Interlocutor 2).

Muitos dos homens cometem violência, eu mesmo, muitas vezes pratiquei violência com minha mulher, imagina o tanto de homens que cometem e praticam violência, fiz muita coisa errada e aos poucos estou aprendendo e quero mudar, é difícil (Interlocutor 1).

Sim isso aconteceu de mais, tanto violência física, quanto violência moral, meu pai bebia e deixou a desejar muito na família. Ele traiu minha mãe com uma tia minha, minha mãe viu isso e minha mãe surtou, internaram ela na Colônia Santana, ela enlouqueceu (Interlocutor 2).

Nota-se que uso de substâncias psicoativas aparece como um agravante e estopim dos atos violentos em outros estudos, todavia é ressaltado que essa prática apenas permite que os homens



manifestem seus pensamentos e atitudes moldados por um histórico machista e violento (OLIVEIRA; SCORSOLINI-COMIN, 2021).

Conforme Gregori (2003), as discussões sobre violências de gênero contra as mulheres eram e ainda são relações desafiadoras e complexas, frente às relações de poder do patriarcado e da dominação masculina. Ou seja, os comportamentos violentos dos homens estão relacionados com o contexto social em que vivem, sendo necessário apoio para mudança de comportamento e percepção das relações de gênero.

Por outro lado, as narrativas dos homens autores de violência indicam que há marcas ao longo da história de vida deles relacionadas a violências sofridas na infância e adolescência que influenciam no comportamento violento. Assim, nota-se um processo de reprodução das violências sofridas pelos homens autores de violência, perpetuando-a de geração para geração.

Meu pai era meio violento mesmo. Ele foi criado no sítio, ele era rígido, você poderia sair para fora do portão só se fosse para a escola, não tinha divertimento, tudo era feito dentro do lote. Na época parecia normal e eram poucos os que tinham liberdade (Interlocutor 1).

Na época eu tinha eu tinha 11 anos, meu irmão de 12 e minha irmã de 3 anos, meu pai fugiu com essa mulher e deixou nós abandonados. Isso marcou muito, mas a pior das violências foi do meu pai abandonar nós (Interlocutor 2).

Eu soube pela minha mãe que meu falecido avô deixou meu pai enforcado, ele era capataz e deixou meu pai enforcado, saiu de manhã e voltou a tarde, minha falecida avó levou um banco para o coitado não morrer (Interlocutor 1).

Torna-se relevante trazer para a discussão estudos que corroboram com fatores relacionados à cultura machista e patriarcal apontada em estudos na Serra Catarinense. Nota-se que essa cultura produz homens violentos e que reproduzem essas ações com seus familiares e companheiras em um ciclo vicioso (LOCKS, 2016).

Além disso, percebe-se que os homens, como frutos de uma socialização baseada em masculinidades tradicionais e violentas, acabam ficando em um papel ambíguo de vítima e agressor, perpetuando as violências (CONNELL, 1995). Outros estudos, também apontam que as violências e dominação masculina sobre as mulheres e os filhos, é resultante de reprodução de violências sofridas no contexto intrafamiliar e social, passando essa prática de geração em geração (SIKWEYIYA *et al.*, 2022; OLIVEIRA; SCORSOLINI-COMIN, 2021).

Percepções sobre o papel das mulheres e dos homens

Ao analisar as narrativas dos homens sobre violência de gênero, foi possível perceber que há uma significação de um tipo de mulher idealizado, que reproduz expectativas baseadas em construções



tradicionais de gênero. Apontam que “uma boa esposa” é um suporte ou auxílio, cuidadoras da casa, do marido e da família.

Uma boa esposa para mim é aquela parceira, aquela que está ali para me auxiliar, que eu tenho essa pessoa. Hoje eu tenho essa pessoa do meu lado a 32 anos, ela é a pessoa que me auxilia, que me orienta muito, não faz assim, faz desse jeito, cuidado aqui, você falou demais, não pode falar da tua vida pessoal para as pessoas, as pessoas são invejosas, minha mulher me fala isso (Interlocutor 2).

Esse meu último casamento era muita normal, na verdade eu quem coordenava, eu quem dizia o que era o certo e o errado. Eu era o homem das finanças. Eu cuidava do financeiro e ela cuidava da casa e tarefas domésticas (Interlocutor 2).

Percebe-se em meio a sociedade diferenças visíveis de gênero no que se referem à classe, raça aos fatores econômicos, sociais, regionais, além das lutas e reconhecimento das angústias, liberdade, respeito, autonomia, valorização e reconhecimento das mulheres enquanto seres humanos e os seus papéis desempenhados socialmente (SALVATI; KOC, 2022).

Neste sentido, os papéis sociais e culturais estabelecidos e perpetrados nos discursos e estruturas violam a autonomia e impõem o que mulheres devem ou não fazer, ou mesmo se portar e agir. Sendo que esses papéis são reiterados em discursos de homens, em especial aqueles autores de violência contra as mulheres, relegando as mulheres aos espaços do cuidado e ao âmbito doméstico (OLIVEIRA; SCORSOLINI-COMIN, 2021; PÊ *et al.*, 2022).

Foi possível perceber narrativas que indicam controle sobre as ações das mulheres, especialmente as ligadas ao trabalho fora de casa. Um dos interlocutores apresenta que o ingresso da mulher no mercado de trabalho foi o “estopim” dos conflitos, culminando em violências e término, enquanto o outro exalta o lugar da mulher como sendo o doméstico, inclusive romantizando sua sobrecarga.

Minha esposa trabalha. Na realidade eu casei um monte de vezes. Minha última esposa começou a trabalhar, daí as ideias começaram a não bater mais, daí não deu mais certo e teve briga. Eu não aceito e a gente terminou (Interlocutor 1).

Ela trabalha em uma profissão que é uma das mais preciosas que é a do lar, aquela que trabalha 24 horas. Ela não para... ela pode estar com febre, pode estar gripada, mas ela levanta cedo e faz almoço para as crianças, lava as roupas, não para, acorda cedo e vai dormir tarde (Interlocutor 2).

De acordo com Vicente e Siqueira-Freitas (2022), em meio a cultura do patriarcado é papel do homem ser o provedor e trazer sustento à família. Desse modo, quando a mulher é inserida no mercado de trabalho, exercendo sua cidadania e buscando exercer sua autonomia acaba sendo vítima de violência.



Conforme Salvati e Koc (2022), esta percepção de vinculação das mulheres com o ambiente doméstico de forma “natural” é um reflexo da dicotomia de gênero imposta pela visão patriarcal em nossa sociedade, não sendo então uma exclusividade dos homens autores de violência, mas sim uma percepção disseminada, de forma equivocada, do papel das mulheres.

A percepção da mulher como um objeto, passível de abuso de poder e como se fosse uma super-heroína do lar é reflexo da ideia de família nuclear do sistema patriarcal (HOOKS, 1989). Além disso, ao não corresponderem o esperado por eles, as mulheres são repreendidas por um comportamento (EINHARDT; SAMPAIO, 2020).

Em contraposição a essa percepção sobre as mulheres, os interlocutores apresentam em suas narrativas que o papel dos homens no contexto familiar é de superioridade e controle sobre suas companheiras. O papel de provedor financeiro foi central, todavia uma ideia de mentor e coordenação moral sobre os rumos da família também foi apontada.

Esse meu último casamento era muita norma, na verdade eu quem coordenava, eu quem dizia o que era o certo e o errado. Eu era o homem das finanças. Eu cuidava do financeiro e ela cuidava da casa (Interlocutor 1).

Essa parte de finanças é tudo comigo, até porque ela não possui renda. O mercado ela só faz a lista e a gente vai junto até no caixa, depois do caixa é tudo comigo. Questão de vestuário é tudo comigo, ela me diz: preciso de tal coisa e eu corro atrás (Interlocutor 2).

Neste aspecto, de acordo com Oliveira (2020), aponta reflexão que apesar de uma manutenção de aspectos patriarcais em alguns contextos, as mudanças no âmbito dos domicílios após a década de 1990 promoveram mudanças na condição de domínio e no comportamento masculino. Segundo o autor, dados apontam que em 1995 cerca de 23% dos domicílios eram chefiados por mulheres, em 2019 esse percentual foi para 48%. Mediante a isso, os homens têm assumido uma posição ressentida em direção ao passado, culminando em processos violentos no âmbito domiciliar.

Observando o contexto da Serra Catarinense, em que a “cultura da fazenda” e a configuração do homem como figura de chefe de família, o provedor dos recursos financeiros e comandando a mulher e seus filhos é presente, essa dicotomia homem provedor e mulher responsável pelo lar ainda é muito marcada (LOCKS, 2016).

Percepção da violência cometida, sentimento de acolhimento e empatia

As narrativas dos homens sobre as violências cometidas, após a entrada no grupo, caracterizaram-se principalmente pela negação. Mesmo após as atividades realizadas eles amenizam as atitudes que tiveram no passado, culpabilizando as mulheres em alguns momentos:



Eu não acho que fiz agressão em certos momentos, até mesmo de minha mulher ficar provocando, as vezes o sangue sobe, mas eu não costumo ser violento, se minha mulher me respeitar tudo fica melhor (Interlocutor 1).

De acordo com Moura *et al.* (2020), em estudos com homens autores de violência verificaram que a presença de histórico de maus-tratos na infância, bem como a naturalização das violências entre parceiros íntimos faz com que não se percebam enquanto agressores. Neste sentido, identificar e atuar preventivamente sobre essas construções do masculino violentado/violento são chave para ressignificação acerca da violência de gênero.

Por outro lado, a negação da violência dos homens também é uma forma de legitimar o espaço de poder e privilégios, possibilitando não assumir a culpa como aponta (SAFFIOTI, 2001). Entretanto, a forma como os homens são educados e formados em um contexto patriarcal influencia na dificuldade de lidarem com aspectos subjetivos, o que envolve o reconhecimento de suas atitudes violentas (MOURA *et al.*, 2020).

De forma paradoxal, eles reconheciam que estavam sendo punidos por seus atos de violência por meio do GRG. Todavia, com o passar do tempo mudaram suas concepções sobre o grupo e a violência de gênero, principalmente pelo acolhimento mútuo intimidade criada pelos participantes.

No meu entendimento foi muito bom. Antes eu pensei que fosse uma forma de me punir e ter que vir no grupo e reunião. A maioria do pessoal eu conhecia, sou meio idoso, tenho 46 anos. Eu me senti entre amigos, alguns até trabalhei junto. Os vídeos e as conversas eram muito fortes nos encontros (Interlocutor 1).

Eu mesmo tenho muita dificuldade de falar com outras pessoas, ainda mais me abrir no meio de homens. Mas com a participação no grupo às vezes até me espanto, a partir do grupo eu to mudando, estou conseguindo me abrir e falar de coisas que machucam, foi a partir das conversas no grupo (Interlocutor 2).

As construções de masculinidades condicionam os homens a uma dificuldade de falar das suas dores, sentimentos e dificuldades. Espaços seguros e de acolhimento para falarem sobre suas dores e violências praticadas mostram-se como um facilitador para reconhecimento e mudanças de comportamentos. Cordeiro (2006), aponta que assim conseguem desconstruir os papéis estabelecidos para os homens, como o de ser provedor, ser racional, ser forte, não demonstrar sentimentos, entre outros.

Os GRG são um espaço de enfrentamento da violência contra a mulher, por meio da transformação do comportamento dos participantes. Em estudo com homens autores de violência foi percebida grande adesão aos grupos, sendo que no decorrer das atividades houve significativa



compreensão do problema da violência de gênero, tornando o espaço seguro para fala e consequente mudança de comportamento dos participantes (PÊ *et al.*, 2022).

Identificou-se que os encontros dos grupos foram espaços possíveis de manifestação dos sentimentos e de acolhimento. A empatia entre os participantes foi ressaltada nas narrativas como uma forma de ouvir e refletir sobre a dor do outro e de como lidar com situações complexas nas situações de violência de gênero.

Eu senti de me colocar mais no lugar dos outros, isso para mim mudou bastante, uma mudança muito boa, a gente vai se quebrar, mas não sabe da dor dos outros, é nisso que às vezes a gente peca (Interlocutor 1).

Eu penso mais antes de agir, acho que essa é a palavra que iria definir como estou depois da participação dos encontros, no trabalho, na família e em casa. Pensar antes de agir, pensar antes de falar e com cautela (Interlocutor 2).

Eu me perguntava: Será que a minha dor é mais forte que a dor dele? Às vezes eu me coloco no lugar das pessoas. Os vídeos me marcaram bastante, com as falas a gente vai vendo o que aconteceu, o que o outro passa, cada um tem uma cruz e o outro não passa aquilo que você passou (Interlocutor 1).

Os homens autores de violência de gênero contra as mulheres participantes de GRG elencam em suas narrativas as dificuldades da comunicação e de expressar seus sentimentos frente ao tema das violências de gênero contra as mulheres (CARDOSO, 2022). Todavia, alinhado com as narrativas dos interlocutores, esses espaços, para alguns participantes, são o caminho para mudança dessa realidade, incluindo a possibilidade de dialogar e refletir sobre a violência de gênero contra as mulheres (PÊ *et al.*, 2022).

Nesse sentido, evidencia-se que o diálogo é uma ferramenta essencial nas relações humanas e sociais, proporcionando aos homens novos olhares no que diz respeito às relações com as mulheres e com os outros homens, trazendo conscientização e novas percepções sobre suas vidas, colocando em questão as violências de gênero (CARDOSO, 2022).

Impactos na vida dos homens e na relação com a violência de gênero

As narrativas dos interlocutores, ao abordarem o momento pós-inserção no grupo reflexivo, trouxeram transformações na vida e percepção dos homens autores de violência, apesar da manutenção de algumas visões ainda opressoras. Temas como o reconhecimento e respeito da condição feminina como as mudanças de humor no período de tensão pré-menstrual (TPM), bem como o reconhecimento da autonomia das mulheres foram trazidos.



Ela tem muita paciência comigo, ela me trata não estando com tensão pré-menstrual (TPM), me trata super bem. Faz pouco tempo que eu aprendi a respeitar isso, é o tempo dela, o ciclo dela que ela passa. Aprendi a respeitar isso depois que comecei a participar do grupo reflexivo (Interlocutor 2).

A mulher é mais fácil de se abrir, ela conversa com a amiga. O homem não, o homem já é mais retraído, as mulheres têm mais autonomia (Interlocutor 1).

De acordo com Cardoso (2022), no grupo reflexivo para homens autores de violência de gênero contra as mulheres é relevante trabalhar com os valores, conceitos e ideias dos participantes, direcionando-os para uma perspectiva equitativa de gênero. Isso faz com que ao longo do tempo um olhar e postura reflexiva sobre as atitudes violentas, além do comprometimento inerente a todo o processo de trabalho com os grupos.

Avanços, mesmo que simples, são importantes para a mudança de percepção e comportamento dos homens autores de violência (CARDOSO, 2022). Neste sentido, estudos corroboram com os impactos positivos oriundos dos processos de articulação e das reflexões que os grupos proporcionam aos participantes (BEIRAS; NASCIMENTO; INCROCCI, 2019; OLIVEIRA NETO; FIRMINO; PAULINO, 2020).

Nota-se que os interlocutores em suas narrativas explicitam sobre a autopercepção no processo de mudança que eles estão passando. Ou seja, percebem o grupo não só como um espaço de acolhimento e empatia, mas também como um local em que conseguem transformar e “lapidar” suas atitudes violentas.

Eu acredito que enquanto o grupo tem transformado a minha vida, meu caráter, na verdade eu estou no grupo reflexivo pelo meu relacionamento, eu quero ser um homem melhor e menos violento (Interlocutor 1).

É uma coisa que está fazendo o bem para mim. Agora que eu encontrei esse grupo maravilhoso que vai lapidando a gente, a gente vai aprendendo a ouvir, eu indicaria o grupo, como já indiquei (Interlocutor 2).

Neste contexto de transformações sociais e culturais, torna-se relevante compreender a possibilidade de mudanças dos homens, mesmo imersos em um contexto patriarcal. As ações por meio de políticas públicas, como são os GRG, têm potencial de mudar a vida dos homens, evitando novos atos de violência contra as mulheres, bem como uma vida mais saudável para eles (OLIVEIRA, 2022; BEIRAS; NASCIMENTO; INCROCCI, 2019).

Sabe-se que as práticas de masculinidades são construções sociais, sendo que a realização de exercícios reflexivos e de autoanálise contribuem para mudança de comportamento dos homens (CONNELL, 1995). A estrutura social machista e patriarcal contribui de forma negativa para estas



mudanças, todavia a reflexão sobre essa estrutura, como trabalho nos grupos, é um caminho para superação (PÊ *et al.*, 2022).

Mesmo assim, é possível perceber que esta mudança é gradual, e que sendo eles autores de violência tem que lidar com a percepção dos outros. Assim, tanto os familiares como as pessoas da comunidade passam a ser balizas para esses homens em seu cotidiano. Dessa forma, percebe-se que o processo reflexivo iniciado no grupo vai para o cotidiano deles.

Eu até pergunto quando chego em casa, eu chamo minha esposa de princesa, eu pergunto se ela e minha filha enxergam mudança em mim, elas falam que sim. Mas, ainda tem umas coisinhas para mudar. Na verdade, felizmente ou infelizmente eu tenho que provar para mim mesmo que estou mudando para as pessoas que estão próximas de mim. Isso para mim é um retorno bom. Eu aprendi a ouvir no grupo reflexivo, em casa também e mesmo que eu esteja errado (Interlocutor 2).

Estudos apontam novos olhares como forma de possibilitar a compreensão de como os homens autores de violência de gênero contra as mulheres percebem a violência e se percebem diante dela, dando voz a narrativas de construções das subjetividades que fazem parte de processos pessoais, relacionais, sociais e políticos que estão em constante interação (OLIVEIRA; SCORSOLINI-COMIN, 2021; BEIRAS; NASCIMENTO; INCROCCI, 2019).

Dessa forma, os GRG aparecem enquanto espaços que permitem também uma leitura sobre quais são as percepções da participação dos homens na sociedade e nas situações de violência, contribuindo para prevenção dessa (OLIVEIRA; SCORSOLINI-COMIN, 2021; BEIRAS; NASCIMENTO; INCROCCI, 2019).

Importância dos grupos reflexivos no contexto da Serra Catarinense

Nas narrativas dos facilitadores, que já compreendiam a necessidade de discussão e enfrentamento da violência de gênero contra as mulheres, podemos perceber reflexões sobre a relevância deste trabalho na Serra Catarinense, bem como motivações para atuar como facilitadores no GRG.

Fui convidado por amigos a ser facilitador, não sabia muita coisa, o grupo reflexivo não tinha nome ainda. Me chamou a atenção a quantidade de violência na cidade de Lages/SC, abriu o grupo de homens e mais homens chegando. É a primeira vez que eu falo isso para alguém que é muito importante. Eu identifiquei em mim as mesmas necessidades (Facilitador 1).

A gente entende que é necessário discutir e conversar com os homens também a respeito da violência contra a mulher. Isso me fez interessar pelo tema e pela necessidade do mesmo, tínhamos a intenção de trabalhar com grupos reflexivos (Facilitadora 4).



De acordo com Pê *et al.*, (2022), em trabalho e estudos com GRG por meio de narrativas de facilitadores, o papel dessas pessoas para efetivação das atividades é indispensável. Visto que os facilitadores geralmente são pessoas engajadas e que tem em sua história alguma relação com a violência, buscando assim caminhos para diminuir sua incidência.

Dessa forma, suas palavras apresentam as motivações que os levaram para estes espaços, dando cores e fazendo surgir muitos sentimentos durante a partilha nos grupos. Neste sentido, Pê *et al.* (2022), nos ensinam que isso possibilita a manifestação de apoio entre os homens que participam das atividades, mas também entre os facilitadores que aprendem com o processo de criar novas relações.

Outro aspecto destacado nas falas dos facilitadores foi a importância de abordagens preventivas para a violência de gênero contra as mulheres nas Serra Catarinense, bem como a implementação do GRG, que demorou para efetivar-se enquanto uma prática nos serviços públicos da região.

Eu fico muito feliz em relação aos encontros do grupo reflexivo..., estava na hora, nossa cidade precisava disso. Acredito que deveríamos ter feito estas ações preventivas e falar sobre violência contra a mulher bem antes, mas que bom que existem atualmente e que sejam reproduzidos em mais lugares (Facilitador 1).

Nós precisamos fazer um trabalho com os homens do ponto de vista preventivo. Esse homem precisa ter uma oportunidade para refletir sobre essa conduta, sobre a questão da violência, questão de gênero para que ele possa não reincidir neste comportamento violento. Precisamos verificar quais são os determinantes, quais são as causas que levam estes homens a praticarem atos violentos. Nós nos constituímos no machismo e no patriarcado, por isso que é importante que a gente realize este tipo de trabalho nos grupos reflexivos (Facilitador 3).

As ações restaurativas e de prevenção com homens autores de violência de gênero contra as mulheres objetivando a diminuição dos índices de violência no país se dão principalmente através dos GRG. Assim, há necessidade de trabalhar de forma preventiva e de conscientizar os homens sobre os atos de violência contra as mulheres, não só após o cometimento dos crimes (BEIRAS; RIED 2017; OLIVEIRA NETO; FIRMINO; PAULINO, 2020).

Mesmo assim, percebe-se que por falta de uma estrutura formalizada, essas atividades acabam ficando em segundo plano, pois dependem de trabalho voluntário de pessoas interessadas e preocupadas com esse tema (BEIRAS; NASCIMENTO E INCROCCI, 2019; OLIVEIRA NETO; FIRMINO; PAULINO, 2020). Além disso, no sentido da transformação social, baseando-se na cultura de paz, destaca-se que os espaços para discutir a violência contra as mulheres e as relações de gênero devem extrapolar atividades voltadas para homens autores de violência (OLIVEIRA; PEIXOTO; MAIO, 2018).

Neste sentido, o grupo era visto pelos facilitadores como espaços para ouvir, falar e abordar questões culturalmente enraizadas no machismo e do patriarcado, característico na região, sem um



enfoque punitivo. Sendo construído como um local seguro para tratar do assunto entre homens autores de violência auxiliando também os facilitadores em mudanças.

A gente percebe violências em todos os aspectos, desde a questão de trabalho, a relação dentro de casa. Não basta punir apenas com medida protetiva, tem que aprofundar essa discussão, é necessário conversar com os homens, nesse sentido que eu penso que é necessário que se fale disso (Facilitadora 4).

Eu acho fundamental ouvir os homens, de alguma forma o conflito ele não é sozinho, tem várias variáveis, várias pessoas envolvidas, várias histórias, várias questões, não nasce isolado. A importância de ouvir os homens, entender os motivos que o levou a cometer formas de violência contra as mulheres. A importância é possibilitar que esses homens sejam ouvidos, que eles se sintam seguros para falar, eu acredito que a partir disso só, já seria um outro caminho de reflexão e uma potência enorme em possibilitar esses espaços de fala e escuta seguras (Facilitadora 2).

É algo muito impactante, é difícil ver homens em situação de vulnerabilidade né, a gente não enxerga isso normalmente. No grupo os facilitadores enxergam as vulnerabilidades e de acessar tais vulnerabilidades dos homens. Sentimento de que algo mudou, prova disso é que teve apenas uma reincidência de ato de violência de um participante com sua esposa (Facilitador 1).

Segundo Oliveira e Scorsolini-Comin (2021), em estudo com facilitadores, ao participar dos grupos essas também se transformam, pois sentem-se acolhidos e seguros, para também compartilhar seus sentimentos, dificuldades, anseios e desejos sem medo de serem julgados. Neste sentido, os facilitadores também se sentem parte do processo e mudam sua percepção sobre a violência de gênero.

274

A construção do espaço dos grupos, tanto no sentido físico, quanto relacional devem apresentar segurança para que seja possível falar abertamente sobre as violências e sentimentos. Deste modo, os facilitadores são peça fundamental neste processo (BEIRAS; NASCIMENTO; INCROCCI, 2019).

Assim, devem compreender o caráter não punitivo dos grupos, abordando a violência de gênero em um contexto de complexidade em que se faz necessário aprofundar discussões de gênero e das violências de gênero nas conversas com os homens autores de violência (OLIVEIRA; SCORSOLINI-COMIN, 2021).

Outro aspecto destacado pelos facilitadores foi a importância do formato e metodologia do GRG, como forma de aproximação dos homens autores de violência. Foi destacado o uso do círculo que reforça a horizontalidade e união, facilitando as falas e processos de reflexões acerca dos atos de violência, bem como percepções sobre as relações de gênero. Entretanto, há casos de dificuldade de adesão desses homens, que mesmo com a obrigatoriedade não participam efetivamente do grupo.

O poder do círculo faz com que esses homens olhem para o centro e reto, ali eles ficam duas ou três horas, no último encontro a gente estava de mãos dadas, homem com homem fazendo uma dança circular. É algo muito impactante, é difícil ver homens em situação de vulnerabilidade né, a gente não enxerga isso normalmente. No grupo os facilitadores enxergam as vulnerabilidades e de acessar tais vulnerabilidades dos homens (Facilitador 1).



O grupo reflexivo tem esse papel de trazer e questionar, será que a violência e os atos de violência são a única forma de resolução? Importante pensar nessa falta de equidade, na supremacia masculina em relação à mulher. Na desconstrução da ideia do machismo e do patriarcado de que homens são superiores às mulheres (Facilitador 3).

Para 2022 fizemos o convite para retomar o grupo... com os oito homens da primeira formação de grupo, destes seis aceitaram retomar e vai diminuindo é difícil manter (Facilitadora 4).

A preparação dos facilitadores é fundamental para o bom funcionamento dos GRG. Conforme Oliveira e Scorsolini–Comin (2021), mesmo quando esses estão preparados há questionamentos e dificuldades no processo, seja na mediação ou no conflito de significados sobre as construções de gênero e violências. Desta forma, a preparação exige o conhecimento da metodologia empregada, mas também a maleabilidade de lidar com as situações inesperadas que acontecem nos GRG (BEIRAS *et al.*, 2021).

Em relação a adesão dos homens, há dificuldades relacionadas a contexto de vida, condições socioeconômicas, mas principalmente pela estrutura social machista, que é reiterada entre os grupos e homens (BELARMINO; LEITE, 2020). Essas situações, fazem com que seja muito difícil para alguns homens debater sobre suas percepções e atitudes, sendo motivo de saída ou não participação efetiva nas discussões, comprometendo seu resultado.

Desafios e potencialidade na abordagem dos homens autores de violência

Outra categoria identificada nas narrativas dos facilitadores abordou os desafios e potencialidades para trabalhar a violência de gênero por meio do grupo reflexivo. Segundo eles, um dos principais desafios no início das atividades era tornar os homens conscientes de suas ações, permitindo que fosse gerada empatia, diálogo e criação de novos significados sobre violência de gênero entre eles.

Eu sinto que no começo muitos estavam cientes de que algo aconteceu, mas não entendiam a gravidade e se sentiam muito injustiçados, diziam: a mais eu fiz isso porque ela fez isso. Uma violência não nasce sozinha, ela é uma árvore que foi regada ao longo de muito tempo, ela é um fruto de uma árvore que já caiu. Com o tempo nos encontros eles foram percebendo e sentindo o motivo de estarem no grupo reflexivo e se transformando a cada encontro (Facilitador 1).

Quando os homens chegaram parecia que não, tanto que foi algo que angustiou a nós como facilitadores. A gente pensava assim, mas não estamos conseguindo mexer naquilo que também tinha uma certa ansiedade da nossa parte. A gente precisa mexer naquilo que motivou e legitimou de estarmos aqui. Ao longo dos encontros esses homens conseguiram refletir e entender melhor o processo do grupo reflexivo e o impacto em suas vidas, que eles praticaram violência em algum momento contra suas mulheres (Facilitador 3).

O trabalho com homens autores de violência exige dos mediadores um esforço para romper com a barreira da negação e da vergonha de se expor no grupo. Conforme Aguiar e Diniz (2017), a dinâmica



da abordagem dos homens autores de violência tem como objetivo promover a conscientização e a responsabilização em relação às violências praticadas para possibilitar uma construção de novas habilidades percepções sobre o fenômeno.

Destaca-se que considerar o contexto social e cultural dos homens que participam dos grupos é uma forma de abrir caminhos para diálogos a partir da recursividade deles, diminuindo as barreiras entre facilitadores e participantes, mas também entre os homens autores de violência. Esse processo é fundamental para que haja as trocas entre o grupo que possibilitarão mudanças nos pensamentos e atitudes dos homens (OLIVEIRA; SCORSOLINI-COMIN, 2021).

Ao romper esta barreira, os facilitadores identificaram que os participantes conseguiram falar sobre suas atitudes com o grupo. Entretanto, nas narrativas é destacada a heterogeneidade entre os participantes e suas histórias em que uns refletem sobre atos de violência e outros tem vergonha de falar sobre, principalmente quando envolvem situações sociais complexas, como a não aceitação da homossexualidade ou ainda de uma visão machista sobre as mulheres.

Eu acredito que uns mais que os outros, não estavam todos no mesmo estágio. A gente sabe que a violência nunca é de um lado só, cada um ali tinha uma história. Tinha dois participantes que estavam afastados do convívio com seus filhos e durante o grupo foram trazidas várias reflexões do mesmo frente ao grupo e as questões de mudanças (Facilitadora 4).

Um caso que ficou evidente para mim foi o sentimento de traição que um deles tinha, esse homem a companheira dele acabou deixando dele para ter um relacionamento com uma mulher. A sociedade cobra muito, cobra os valores sociais. Nas falas desse homem ele sentia vergonha de falar sobre isso (Facilitador 1).

Eu percebo que esses homens chegam trazendo representações e narrativas muito próprias da nossa cultura, coisas como mulher tem que se dar ao respeito. Narrativas que reforçam o papel de gênero para a mulher nesse caso, e sempre na perspectiva de uma mulher sensível. De que a mulher deverá estar disponível a esse homem nas questões do lar, na parte sexual, cuidar dos filhos, fazer comida, lavar, passar, dentre outras coisas. Essa questão de atitude na supremacia masculina (Facilitador 3).

Nesse sentido, estudos corroboram com as narrativas dos facilitadores do grupo reflexivo, visto que conflitos e novos arranjos familiares ocorrem em meio às relações sociais, assim alguns homens têm dificuldade de aceitar que a vida de suas companheiras segue com novos relacionamentos, orientação sexual e decisões das mesmas (AGUIAR; DINIZ, 2017; OLIVEIRA; SCORSOLINI-COMIN, 2021).

Assim, é indispensável o acolhimento e escuta qualificada dos mediadores no grupo reflexivo, promovendo espaços em que os homens possam falar sobre sofrimentos, contradições, preconceitos e assuntos referentes a dominação masculina e com viés de igualdade de gênero e desconstrução do patriarcado, promovendo novos olhares e consciência dos atos de violência (PÊ *et al.*, 2022).



Entretanto, percebe-se que os homens autores de violência comumente repetem falas e percepções machistas, reforçando os papéis designados às mulheres na cultura patriarcal. Assim, é um desafio para os mediadores promover reflexões para que os homens se percebam reproduzindo discursos machistas (OLIVEIRA; SCORSOLINI-COMIN, 2021).

Por fim, ficou evidente nas narrativas dos facilitadores que a pandemia da COVID-19 e, conseqüentemente, o isolamento social foi algo que interferiu no processo de trabalho dos grupos, bem como na própria dinâmica das violências. Assim, no retorno das atividades, após as liberações, algumas discussões tiveram que ser retomadas, mas agora acrescidas dessa dinâmica pandêmica.

O período da pandemia também foi tão pesado, então vamos retomar sobre algumas reflexões das violências contra as mulheres durante o período. É preciso continuar com os grupos reflexivos e dar continuidade na formação dos participantes e facilitadores para as mudanças e transformação de atitudes (Facilitadora 4).

O grupo reflexivo tem esse papel de trazer e questionar, será que a violência e os atos de violência são a única forma de resolução? Na desconstrução da ideia do machismo e do patriarcado de que homens são superiores às mulheres, principalmente em relação a pandemia (Facilitador 3).

De acordo com Pê *et al.* (2022), estudos que traçam indicadores de violência de gênero contra as mulheres em tempos da pandemia da COVID-19, de modo geral evidenciam que a violência contra a mulher aponta para reflexos de preocupação em consonância dos dados, tendo crescimento dos casos de feminicídios no Brasil.

Destaca-se que apesar dos desafios na realização dos grupos reflexivos neste período, alguns trabalhos se dedicaram a adaptar as metodologias e abordagens dos facilitadores para os meios digitais, buscando manter as atividades mesmo com o distanciamento social (BEIRAS; BRONZ; SCHNEIDER, 2020). Sendo que alguns estudos já vêm avaliando esses impactos e a possibilidade de utilizar tal modalidade como forma de ampliar o acesso a esses grupos, seja para homens autores de violência ou para discussão e desconstrução de masculinidades violentas (PÊ *et al.*, 2022).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como enfoque principal compreender as narrativas sobre as violências de gênero por meio de entrevistas com homens e facilitadores de um grupo reflexivo da Serra Catarinense. Mediante a isso, foram identificadas percepções diferentes sobre o fenômeno entre os dois grupos, embora ambos reconheçam a importância de se combater a violência de gênero por meio da mudança de comportamento dos homens.



Constatou-se que os homens, apesar de estarem nos grupos, tinham dificuldade em reconhecer-se enquanto autores de violência, culpabilizando as mulheres e mantendo um olhar machista sobre o lugar delas na sociedade. Em suas narrativas reforçam a percepção de dominação dos homens sobre as mulheres, a cultura do patriarcado, bem como a negação dos atos violentos pretéritos. Entretanto, observou-se que ao trazerem esses relatos apontavam para um momento pré-inserção no GRG.

Neste sentido, a participação e imersão no GRG contribuíram para reconhecerem os comportamentos violentos contra as mulheres e refletirem sobre sua percepção e narrativas acerca do tema violência de gênero. Passaram a associar suas atitudes com experiências pretéritas de agressão por familiares, reconhecendo que o padrão que a violência que perpetram é geracional e deve ser cessada. Além disso, reconhecem os grupos como espaços de acolhimento, possibilidade de diálogo e empatia, fundamentais para conseguirem falar de suas dificuldades e promover mudança de comportamento.

Assim, conclui-se que a percepção dos homens sobre a violência de gênero sofreu alterações positivas com a participação em grupos reflexivos, mostrando que esta estratégia é eficaz. Ou seja, passaram de uma negação absoluta para um reconhecimento da violência como uma construção social e comportamental que pode ser modificada. Neste sentido, aponta-se que a participação dos homens nos GRG é uma forma de minimizar futuras situações de violência contra as mulheres, bem como uma possibilidade de reconstrução subjetiva do “ser homem”.

A partir de narrativas dos facilitadores que atuam nesses grupos, percebe-se que o papel dessas pessoas é essencial para a efetivação das atividades, uma vez que elas geralmente são engajadas e têm experiência prévia com a violência de gênero, buscando caminhos para diminuir sua incidência. Nesse sentido, a percepção sobre a violência de gênero desse grupo apresenta coerência com uma perspectiva humanista e de gênero, presente nas políticas públicas.

Assim, atuam nos grupos de forma preventiva, conscientizando os homens sobre a gravidade dos atos de violência contra as mulheres. No entanto, percebeu-se que a dependência do voluntariado para mediação é um fator que prejudica a constância das atividades, mas também atrai pessoas interessadas e preocupadas com o tema.

Nesse contexto, para os facilitadores o grupo reflexivo emerge como um espaço seguro e acolhedor para discutir a temática da violência de gênero entre homens autores de violência, sem adotar uma abordagem punitiva. Além disso, esse ambiente propicia a escuta, o diálogo e a reflexão sobre questões culturalmente arraigadas no machismo e no patriarcado. A preparação adequada dos facilitadores é fundamental para assegurar o bom funcionamento dos grupos reflexivos, pois, mesmo quando preparados, podem surgir questionamentos e dificuldades durante o processo.



Os GRG apresentaram-se com uma estratégia eficaz para promover a reflexão e o diálogo sobre a violência de gênero e devem compor as políticas públicas que atuem no enfrentamento das violências de gênero contra as mulheres. Entretanto, é importante destacar que as narrativas sobre a violência de gênero são influenciadas pelas relações de poder e pelos estereótipos de gênero que permeiam a sociedade fazendo com que estudos em outros contextos sejam indispensáveis.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. H. M.; DINIZ, G. R. S. “Estudos sobre masculinidades e seus impactos no trabalho com homens autores de violência”. **Revista Gênero**, vol. 17, n. 2, 2017.

AZEVEDO, F. M. C. “O conceito de patriarcado nas análises teóricas das ciências sociais: uma contribuição feminista”. **Revista Três Pontos**, vol. 13, n. 1, 2016.

BEIRAS, A. *et al.* **Grupos reflexivos e responsabilizantes para homens autores de violência contra mulheres no Brasil**: mapeamento, análise e recomendações. Florianópolis: Centro de Estudos Jurídicos, 2021.

BEIRAS, A.; BRONZ, A.; SCHNEIDER, P. F. “Grupos reflexivos de gênero para homens no ambiente virtual-primeiras adaptações, desafios metodológicos e potencialidades”. **Nova Perspectiva Sistêmica**, vol. 29, n. 68, 2020.

BEIRAS, A.; NASCIMENTO, M.; INCROCCI, C. “Programas de atenção a homens autores de violência contra a mulher: panorama das intervenções no Brasil”. **Revista Saúde e Sociedade**, vol. 28, n. 1, 2019.

BELARMINO, V. H.; LEITE, J. F. “Produção de sentidos em um grupo reflexivo para homens autores de violência”. **Psicologia e Sociedade**, vol. 32, 2020.

BRAMBILLA, B. B. “Estado patriarcal e políticas para mulheres: da luta pela equidade de gênero ao caso de polícia”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 5, n. 13, 2020.

CARDOSO, D. T. “Mapear e construir caminhos: grupos reflexivos e responsabilizantes para homens autores de violência contra mulheres”. **Nova Perspectiva Sistêmica**, vol. 31, n. 72, 2022.

CONNELL, R. “Políticas da Masculinidade”. **Educação e Realidade**, vol. 20, n. 2, 1995.

CORDEIRO, S. **Até quando faremos relicários?: a função social do espaço penitenciário**. Alagoas: Editora da UFAL, 2006.

EINHARDT, A.; SAMPAIO, S. S. “Violência doméstica contra a mulher-com a fala, eles, os homens autores da violência”. **Serviço Social e Sociedade**, vol. 140, 2020.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009.

GREGORI, M. “Relações de violência e erotismo”. **Cadernos Pagu**, vol. 20, 2003.



HOOKS, B. **Não sou eu uma mulher**: mulheres negras e feminismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

LOCKS, G. A. “Uma análise antropológica da formação social e do desenvolvimento socioeconômico de Lages e da serra catarinense”. In: SANTOS, C. D.; LOCKS, G. A. (orgs.). **Visão contemporânea e sustentável da Serra Catarinense**. Lages: Editora UNIPLAC, 2016.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. “Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?”. **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 9, 1993.

MOURA, J. Q. *et al.* “Homens autores de violência contra mulher: Um estudo descritivo”. **Contextos Clínicos**, vol. 13, n. 1, 2020.

OLIVEIRA NETO, I. F.; FIRMINO, I. M.; PAULINO, P. R. V. “A construção social do estigma em masculinidade: uma revisão de literatura”. **Revista Científica Fagoc Multidisciplinar**, vol. 4, n. 1, 2020.

OLIVEIRA, A. E. C. “‘Novas’ medidas protetivas que obrigam homens autores de violência doméstica e familiar contra as mulheres”. **Revista Feminismos**, vol. 10, n. 2, 2022.

OLIVEIRA, C. D. “O declínio do homem provedor chefe de família: entre privilégios e ressentimentos”. **Revista Crítica Histórica**, vol. 11, n. 22, 2020.

OLIVEIRA, J.; SCORSOLINI-COMIN, F. “Percepções sobre intervenções grupais com homens autores de violência contra as mulheres”. **Psicologia e Sociedade**, vol. 33, 2021.

OLIVEIRA, M.; PEIXOTO, R.; MAIO, E. R. “A educação enquanto promotora de uma cultura de paz: o foco nas questões de gênero e sexualidade”. **Revista Amazônida**, vol. 3, n. 2, 2018.

PÊ, F. Z. *et al.* “Violência contra a mulher: experiência de profissionais facilitadores de um grupo reflexivo de homens”. **Revista da SPAGESP**, vol. 23, n. 1, 2022.

SAFFIOTI, H. “Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero”. **Cadernos Pagu**, vol. 16, 2001.

SALVATI, M.; KOC, Y. “Advancing research into the social psychology of sexual orientations and gender identities: Current research and future directions”. **European Journal of Social Psychology**, vol. 52, n. 2, 2022.

SIKWEIYA, Y. *et al.* “Intersections between disability, masculinities, and violence: experiences and insights from men with physical disabilities from three African countries”. **BMC Public Health**, vol. 22, n. 1, 2022.

SOUZA, G. F.; SANTOS, N. M.; GRAUPE, M. E. “Núcleo de justiça restaurativa em Lages (SC): desafios no enfrentamento das violências de gênero contra as mulheres”. In: MAGALHÃES, R. (org.). **Judicialização da violência de gênero em debate**: perspectivas etnográficas. Brasília: ABA Publicações, 2021.

VASCONCELOS, N. M. *et al.* “Violência física contra mulheres perpetrada por parceiro íntimo: análise do VIVA Inquérito 2017”. **Ciência e Saúde Coletiva**, vol. 27, 2022.



VICENTE, E. R.; SIQUEIRA-FREITAS, E. R. “Vida e morte no feminino: discursos na ordem do patriarcado”. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, vol. 4, 2022.

WOOD, E.; WILSON, K.; JACOBS, K. “Exploring the differences between men’s and women’s perceptions of gender-based violence in rural Tajikistan: a qualitative study”. **BMC Women's Health**, vol. 21, n. 1, 2021.

ZACCARELLI, L. M.; GODOY, A. S. “Deixa eu te contar uma coisa...’: possibilidades do uso de narrativas e sua análise nas pesquisas em organizações”. **Revista Gestão Organizacional**, vol. 6, n. 3, 2013.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 14 | Nº 41 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima